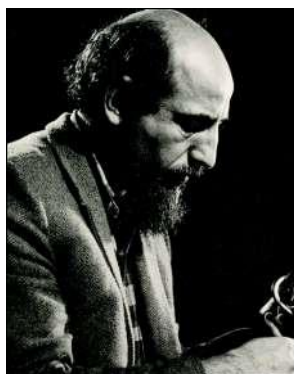


Michel Giacometti



A “primeira qualidade que um etnomusicólogo precisa de ter é o amor ao trabalho e o amor sincero ao povo” (Michel Giacometti)

Michel Marie Giacometti nasceu em Ajaccio, na Córsega, em 08 de Janeiro de 1929, tendo sido criado por um tio, funcionário colonial da rota do Império Francês. Desde muito novo que as aventuras – ou desventuras - começaram a persegui-lo: apenas com três anos de idade foi raptado por uma tribo, sendo salvo por Herratin, uma criada negra descendente de antigos escravos.

Ainda estudante fundou várias revistas literárias e esteve ligado a atividades culturais – foi poeta, crítico de arte e diretor de uma jovem companhia teatral. Tendo sido expulso de todas as universidades francesas por um período de cinco anos por participar numa greve contra a discriminação dos árabes na vida pública de Argel, Giacometti viaja, chegando a frequentar as universidades de nove países e exercendo, ao mesmo tempo mais de três dezenas de profissões para poder subsistir e financiar os estudos.

Após a diáspora, regressou a Paris, terminando em 1956 o curso de Letras e Etnografia na Universidade de Sorbonne. Organiza então uma missão internacional, designada *Mission Méditerranée 56*, para investigar as tradições populares de todas as ilhas do Mediterrâneo; esta missão não seria concluída por razões de saúde, tendo regressado a Paris onde foi hospitalizado; no entanto, esta experiência mas acabaria por proporcionar a Giacometti elevados conhecimentos antropológicos, conferindo-lhe um currículo invejável.

Em 1958 conhece Isabel Ribeiro em Paris, com quem casa em Outubro do mesmo ano. Depois de passarem as núpcias em Portugal, regressam a França. O casal viria a regressar definitivamente a Portugal em 1959, quando é diagnosticada ao etnomusicólogo tuberculose e lhe recomendam um clima mais propício à cura.

O casal vem a estabelecer-se em Bragança, tendo em Fevereiro iniciado as recolhas dos primeiros registos sonoros na região de Trás-os-Montes. Em 1960, com a colaboração de Fernando Lopes-Graça, fundou os *Arquivos Sonoros Portugueses*.

Estes *Arquivos* viriam a editar cerca de duas dúzias de recolhas fonográficas, entre as quais se destaca a *Antologia da Música Regional Portuguesa*, os conhecidos discos de sarapilheira editados, em tiragens muito pequenas, entre 1960 e 1970 em cinco volumes. Em França a edição foi de *Le Chant du Monde*; em Portugal viriam a ser reeditados em CD em 1998 pela *Strauss* e em 2008 pela Numérica, sempre na etiqueta *Portugal Som*.

Em 1962 Michel Giacometti realiza uma série etnográfica, produzida pela Radiotelevisão Portuguesa, com o título *O Alar da Rede*. Em 1961 o reconhecido técnico de som José Fortes começa a trabalhar com Giacometti nas recolhas e entre 1963 e 1983 produz uma série de programas radiofónicos para a Emissora Nacional, Radio France, BRT, WDR, Sveriges Riskradio sobre a música tradicional portuguesa e as suas funções. Realiza em 1963 *Rio de Onor: uma reunião do Conselho*.

A partir de 1970 e durante três anos é exibida pela RTP a série de programas que viria a consagrar Michel Giacometti a nível nacional: *Povo que Canta*, realizada por Alfredo Tropa. A inspiração para o título da série foi buscá-la à letra de uma cantiga da resistência espanhola que diz que “pueblo que canta no puede morir”. Os trinta e sete programas bimensais realizados constituem ainda hoje um dos mais importantes documentários realizados no âmbito da etnomusicologia portuguesa, só possíveis pelo imenso trabalho de investigação levado a cabo no terreno pelo próprio etnomusicólogo.

Entre 1972 e 1980 faz parte da equipa de investigadores da Faculdade de Letras de Lisboa, Instituto de Geografia, que desenvolve o projeto *Linha de Acção de Recolha e Estudo da Literatura Popular*. Em 1975 estruturou e coordenou o Plano Trabalho e Cultura para estudantes do Serviço Cívico Estudantil, *Recuperar a cultura popular portuguesa, objetivo para estudantes do Serviço Cívico*, com a colaboração dos professores Jorge Gaspar, Machado Guerreiro e Manuel Viegas Guerreiro e que contou com o apoio de entidades oficiais e particulares, como o Ministério da Comunicação Social, INATEL, FAOJ, Câmaras Municipais, Juntas Distritais e Fundação Calouste Gulbenkian.

Também em 1975 integrou a Comissão de Reorganização da FNAT, que viria a ser substituída pelo INATEL, propondo a criação do *Centro de Documentação Operário-Camponesa (CDOC)*, que, além da reformulação da estrutura existente, propunha uma nova filosofia de Acção cultural.

Em 1981 editou, com Fernando Lopes-Graça e através do Círculo de Leitores o *Cancioneiro Popular Português*, importante coletânea de canções e músicas instrumentais.

Ainda em 1981 vendeu a coleção de instrumentos musicais e de objetos etnográficos à Câmara Municipal de Cascais, que fundou o Museu da Música Portuguesa na Casa Verdades de Faria, no Monte Estoril. Em 1984, vendeu o arquivo sonoro à Secretaria de Estado da Cultura, encontrando-se, hoje todo este acervo sonoro no Museu Nacional de Etnologia, em Lisboa.

Em 1987 foi inaugurado em Setúbal o Museu do Trabalho, que teve importante colaboração de Giacometti na elaboração da exposição *O Trabalho faz o Homem*. Em 1991 o Museu do Trabalho de Setúbal, com uma vasta coleção de instrumentos agrícolas e objetos do quotidiano recolhidos por Giacometti, passou a denominar-se *Museu do Trabalho Michel Giacometti*; o museu foi reaberto em 18 de Maio de 1995.

A última reportagem sobre o trabalho de Michel Giacometti viria a ser feita em Agosto de 1990, numa campanha em Peroguarda, pelo jornalista Adelino Gomes. Morreu em Faro no dia 24 de Novembro de 1990, tendo sido sepultado a seu pedido na pequena aldeia de Peroguarda, no concelho de Ferreira do Alentejo.

A filmografia de Michel Giacometti viria a ser reunida em 2010, numa edição comemorativa do 20.º aniversário da morte do etnólogo – *Michel Giacometti - Filmografia Completa* –, edição Tradisom/Público, que consta de 12 DVDs e CDs que reúnem a série *Povo que Canta* (9 Livros + DVD); os 2 episódios da série etnográfica *Rio de Onor* e *Alar da Rede* (livro + DVD) e os inéditos *O Ladrão do Sado* (1 Livro + 2 CDs) e *Uma Longa Militância* (1 livro + CD). Para além dos DVD e

CDs, cada volume inclui um livro e um portfólio de fotografias da autoria de Augusto Brázio com imagens atuais dos locais onde decorreram as filmagens há 40 anos. Os textos são de autores como Maria Aliete Galhós, do antropólogo Jorge Freitas Branco, do investigador José Alberto Sardinha e da historiadora Luísa Tiago Oliveira, estudiosos da obra de Giacometti.

O volume 11 desta antologia, designado de *O Ladrão do Sado*, é a edição de um inquérito musical que Michel Giacometti realizou em Alcácer do Sal em 1984. Trata-se de estudo inacabado de que resultaram cinco bobines alusivas ao canto de improviso designado *Ladrão do Sado* – “ (...) *O Ladrão* era (...) predominantemente um canto de trabalho, a cargo das mulheres empregadas sobretudo na monda do arroz. Sempre sob a forma dialogada e improvisada, com vozes rudes lançadas ao longe e num registo alto, as suas cantigas, entremeadas de requebres, gritos e comentários, amenizavam o esforço e, do mesmo passo, mantinham os níveis de produtividade considerados normais por manajeiros e proprietários” (...) – in *O Ladrão do Sado*, pp.20. “ (...) *O Ladrão do Sado* foi arte dos pobres, numa terra fustigada pela injustiça social, e foi o seu viático para atravessar tempos difíceis. Por isso quem cantava o *Ladrão* dele não envergonhava, ciente de que, como diz a cantiga, o *Ladrão* não tira a honra a ninguém (...)” – in *O Ladrão do Sado*, pp.24.

Discografia

- *Música tradicional Portuguesa* - 12 obras fonográficas/24 discos (1960-1983)
- *Antologia da Música Regional Portuguesa* - 5 discos (1960-1970)
- *16 Discos sobre a música de Portugal continental*
- *Música nos Açores e na Madeira: Antologia da Música Regional Portuguesa*
- *1-Trás-os Montes/Ge LDI/1960*
- *2-Algarve/Ge LD 12/1963*
- *3-Minho/*
- *4-Alentejo/Ge LD 17/1965*
- *5-Beira Alta, Beira Baixa, Beira Litoral/Ge LD 18/1970.*
- *Oito cantos trasmontanos/Ge AS 101/1961*
- *Cantos Tradicionais do Distrito de Évora /GE AS 119/1965* (Ed. dos. Arquivos Sonoros Portugueses e da Junta Distrital de Évora)
- *Bailes Populares Alentejanos/AS 50/1968*
- *Cantos Religiosos Tradicionais Portugueses /Philipps 6499 226/1971*
- *Cantos e Danças de Portugal /Diapasão 25 005/1981*
- *Michel Giacometti – Filmografia Completa/ Tradisom/ 2010*

BIBLIOGRAFIA – PRESENTE NA BIBLIOTECA DO MNE-Museu Nacional de Etnologia

- *Ao encontro do Povo” / Jorge Freitas Branco, Luísa Tiago de Oliveira. – Oeiras: Celta, 1993-1994. – 2vol.*
- *“Breves considerações sobre a música popular portuguesa” /Michel Giacometti. *Arte Musical*. – Número especial (Out. 1982).- p. 23-27.*
- *Cancioneiro Popular Português / Michel Giacometti; colab. De Fernando Lopes-Graça. – Lisboa: Círculo de Leitores, [s.d.] (1981).*
- *Michel Giacometti: 80 anos: 80 imagens / coord. António Carvalho, Carla Varela Fernandes, Maria da Assunção Júdice. – Cascais: Câmara Municipal de: Museu da Música Portuguesa: Casa Verdades de Faria, 2009.*
- *Michel Giacometti: guardador de vozes = The keeper of voices / [org.] Câmara Municipal de Cascais, Casa Verdades de Faria, Museu da Música Portuguesa. –Macau: Instituto Português do Oriente, 1997.*

- *Michel Giacometti: um caminho para um museu* [fotocópia]. – Cascais: [s.n.], [2004]. (Publicado na Agenda Cultural de Cascais, (2004) p. 8-9)
- *Musée du Travail de Setúbal = Museum of Work of Setúbal = Museu do Trabalho Michel Giacometti* / coord. Ana Duarte, Isabel Victor; trad. Jean-Jacques Pardete. – Setúbal: Câmara Municipal de, 2002.

Referências na Internet

- <http://www.michelgiacometti.com>
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_Giacometti
- <http://mmp.cm-cascais.pt/museumusica/mg/michel/>
- http://www.cm-cascais.pt/Cascais/Agenda/colecao_giacometti.htm
- <http://www.mun-setubal.pt/pt/pagina/michel-giacometti-1929-1990/127>
- <http://www.mun-setubal.pt/MuseuTrabalho>
- <http://mnetnologia.wordpress.com/biblioteca-e-mediateca/arquivo-sonoro-de-michel-giacometti-no-mne/>
- <http://www.cm-alcacerdosal.pt/>
- <http://www.cm-alcacerdosal.pt/PT/Actualidade/Noticias/Paginas/LadraodoSadoobradeMichelGiacomettilancaDaniBibliotecaMunicipaldeAlcacerdoSal.aspx>
- http://www.cafeportugal.net/pages/dossier_artigo.aspx?id=2164
- <http://www.gaitadefoles.net/noticias/giacomettiassociacao.htm>
- http://www.gaitadefoles.net/imprensa/giacometti_misterio.htm
- http://www.gaitadefoles.net/livros/canc_pop_portugues.htm
- <http://www.attambur.com/OutrosSons/Portugal/giacometti.htm>
- <http://www.attambur.com/Noticias/20041t/associacaoGiacometti.htm>
- http://www.geocities.com/michel_giacometti
- <http://linoguerreiro.googlepages.com/giacometti>
- <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MichGiac.html>
- <http://atlantico-expresso.net/portugal/breve-homenagem-a-michel-giacometti-1/2007/11>
- <http://www.firmeatemorrer.info>
- <http://www.uc.pt/gefac/jornadas/VIIIjornadas.htm>
- <http://www.revista.akademie-brasil-europa.org/CM09-08.htm>
- <http://cantoalentejano.com/textos/?id=56&det=1>
- <http://moodle18.escolasdesesimbra.net/mod/resource/view.php?inpopup=true&id=178>

Reencontro com a memória

Texto de João Lisboa

Jornal Expresso, 6 de Março de 1999

O ACONTECIMENTO é pouco menos do que histórico: mais de 30 anos depois da data original de publicação são finalmente reeditados, em CD, os célebres cinco volumes dos **Arquivos Sonoros** (os míticos cinco LP de capa de serapilheira) onde Michel Giacometti e Fernando Lopes-Graça reuniram o resultado das suas recolhas de música popular tradicional portuguesa. Resultado de um trabalho isolado e individual iniciado no final da década de 50 pelo etnomusicólogo corso e, logo depois, acompanhado estreitamente pelo compositor da **História Trágico-Marítima**, neles se incluía um valioso conjunto de espécimes da tradição rural, divididos por cinco regiões (Trás-os-Montes, Minho, Beiras, Alentejo e Algarve). Inicialmente editados em quantidade extremamente limitada, rapidamente se esgotaram não tendo, desde então, voltado a estar a acessíveis e passando a constituir, por isso mesmo, um dos tesouros perdidos do património cultural nacional. Embora sendo apenas uma parcela ínfima da totalidade das recolhas realizadas por Giacometti e Graça, é um importante primeiro passo no sentido da divulgação generalizada desse trabalho que ambos sempre desejaram mas que, enquanto vivos, não tiveram oportunidade de concretizar.



Michel Giacometti com
Fernando Lopes-Graça

Numa das raras entrevistas de fundo que, em vida, concedeu (realizada em Abril de 1979, no momento em que - um ano após ter sido despedido do INATEL -, sob encomenda do Departamento de Música da Secretaria de Estado da Cultura, se preparava para editar dois discos com os Bonecos de Santo Aleixo), Michel Giacometti falou-nos desenvolvidamente acerca da forma como o seu trabalho se iniciara, dois ou três meses depois da sua vinda para Portugal, em 1959, quando (embora sem ser especialista, como confessava) se começou a interessar pela música portuguesa.

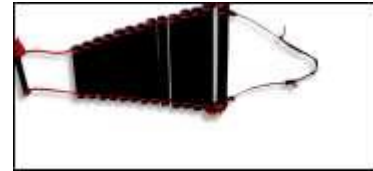
«Nasceu do meu contacto direto com Trás-os-Montes onde me desloquei sem ideias preconcebidas mas sabendo já que lá existiam tradições arcaicas através do livro de um americano que tinha estado em Portugal e registado música tradicional em 1926. Quando vim, tinha um gravador o que, na altura, era uma coisa rara. Até há alguns anos, havia em Portugal um grupo de etnólogos reaccionários, os Pires de Lima, que defendiam que o trabalho de recolha devia ser todo escrito, notado, e que os gravadores eram uma coisa satânica... Esta gente dominava a etnografia portuguesa. Quando fui a Trás-os-Montes, mostrei as gravações ao Lopes-Graça que ficou um bocado espantado porque não imaginava que ainda existissem em 1959 espécimes tão puros.»

Foi essa descoberta que o determinou a ficar cá e a investigar. Voltou a Trás-os-Montes e passou lá meses e meses. Depois, decidiu-se a actuar de modo sistemático percorrendo Minho, Algarve, Alentejo e Beiras. Estava, porém, condicionado pelos problemas materiais e pelas dificuldades de deslocação o que obrigava a que nunca pudesse existir um plano determinado e tudo funcionasse de forma pouco planificada: «Decidíamos, por exemplo, investigar a Beira Baixa porque lá havia uns amigos que podiam facilitar os contactos e os alojamentos, sem nenhuma razão especial para ser a Beira e não o Alto Alentejo. Muitas vezes também gravava coisas que, à noite, tinha de desgravar até às três ou quatro da manhã para, no dia seguinte, ter mais um bocadinho de fita para gravar». Nas condições

políticas anteriores ao 25 de Abril, havia ainda outros previsíveis obstáculos que tinha de encarar e que era necessário saber tornear com habilidade e... o sentido de humor possível na altura: «**Diversas vezes, a PIDE me investigou, embora sempre de uma maneira muito discreta. Nunca perguntaram directamente o que eu andava a fazer. Mas quando deixava as malas numa pensão sabia que iam ser revistadas por 'um senhor que estava lá a viver', que, ao jantar, metia conversa comigo e que era 'representante da Volkswagen'... Aconteceu mais do que uma vez escolherem esta 'profissão'**».

A principal dificuldade, contudo, residia na falta de apoio, até moral, de qualquer entidade. De qualquer modo, nessas inúmeras viagens através do país, um dos aspectos que lhe prendeu a atenção foi o contraste entre os espécimes da tradição popular autêntica que recolhia e o «folclore» fabricado dos ranchos que, então, passavam por música regional verdadeira mas que, segundo Giacometti, «**correspondiam apenas à política cultural oficial. Era uma maneira de ter na mão organizações populares que poderiam ter outro sentido e que assim estavam limitadas a cantar e a dançar um 'folclore' que já à partida era deturpado e**

que, a seguir, passava por uma espécie de filtragem. É por isso que, se recolhermos as letras cantadas pelos ranchos folclóricos, vemos que são letras castradas porque não há dúvida que o povo, exprimindo-se à vontade, teria cantado outras. Mas o chefe do grupo dizia 'vocês não vão cantar esta quadra, não podem aparecer assim no festival...'». Na sua opinião, isto acontecia não só no aspecto social e político mas também naquelas quadras que, «**como diz o povo, eram um bocadinho apimentadas**». O que representava um filão de uma extrema riqueza que facilmente surgiu depois do 25 de Abril no resultado das recolhas que realizou com estudantes, um filão que foi cortado pela raiz mas que permaneceu na memória das pessoas. E Giacometti comparava as recolhas até aí realizadas com o que ele próprio descobrira: «**Quando percorremos os cancionários, a maior parte dos quais publicada durante o fascismo (deve haver mais de 200 000 quadras recolhidas), verificamos que, dessas, só umas cem terão um carácter social ou ligeiramente reivindicativo. E vemos que, depois do 25 de Abril, numa semana de trabalho em qualquer zona do país, apareciam centenas e centenas de quadras que já existiam antes. Havia camponeses que escreviam versos e que, como na Chamusca, os escondiam debaixo do chão dentro de uma cana, só as tendo desenterrado depois do 25 de Abril. Chegavam a ter medo da sua própria memória**».



Genebres (Lousa/Castelo Branco)

Por essa altura, Fernando Lopes Graça também tinha já efectuado algumas recolhas na Beira Baixa, embora muito limitadas em virtude de não possuir estruturas suficientes. Como relatava Giacometti, Graça dificilmente sobrevivia, não tinha possibilidades de se deslocar e tinha complicações com a própria polícia em virtude das suas ligações com o PCP. A colaboração entre os dois iniciou-se quando o etnomusicólogo solicitou apoio à Fundação Gulbenkian para prosseguir as suas investigações: «**O Lopes-Graça fazia parte de uma comissão de à qual pertenciam também o Jorge Dias e o Artur Santos. Depois da recolha em Trás-os-Montes apresentei o trabalho à Fundação para pedir um subsídio. Embora o Jorge Dias e o Lopes-Graça estivessem de acordo (democraticamente, eram dois votos contra um), a Fundação recusou e o Lopes-Graça demitiu-se. Eu soube disso e falei com ele. Estávamos os dois um bocadinho no mesmo barco e eu gostava de continuar as investigações. Foi assim que começou a nossa colaboração de vinte anos**».

Em 1979, no entanto, Giacometti confessava que desde o 25 de Abril não tinha praticamente feito investigação musicológica e que, desde há sete ou oito anos, começara a considerar que o seu trabalho tinha sido um tanto «incompleto». Tanto no aspecto sociológico («**era muito difícil uma pessoa com um gravador, uma máquina fotográfica e uns cadernos penetrar numa aldeia e tentar recolher o folclore e, com a vigilância policial e as dificuldades materiais, tentar integrar esta música no seu contexto social, desenvolvendo um inquérito sociológico. Tornava-se suspeito, especialmente para um estrangeiro. Neste aspecto, a coisa tinha de ser feita quase clandestinamente**») como na falta de dimensão das recolhas de literatura oral. Isso constituía uma limitação considerável, uma vez que, para ele, a música não existiria independentemente de outros elementos: «**Num serão, há também quem conte uma**

anedota, um mais velho que diz um conto e estas coisas formam um todo que é arbitrário dissociar se queremos perceber a vida das aldeias sem distorcer a realidade».

Foi nesse quadro de dificuldades e de ausência de meios que acabaram por ser gravados e publicados os cinco discos dos **Arquivos Sonoros**, em edições reduzidas de 200/300 exemplares. Como contava Giacometti, era necessário empenhar algumas coisas, depois vendiam-se e pagava-se a edição. Embora em retrospectiva - confessava - lhe tivesse ficado a sensação amarga de que o resultado havia sido exactamente o contrário do que pretendiam: **«Nós desejávamos que esta cultura voltasse ao povo, que ele se apercebesse do seu valor através de edições feitas por gente da cidade mas que estava perto dele. O que não conseguimos porque os discos eram caros precisamente porque a edição era limitada e iam cair nas mãos da boa burguesia que tinha poder de compra. Era um círculo vicioso».**



Pandeireta (Campo Maior/Portalegre)

O trabalho que nesse domínio se fizera a seguir ao 25 de Abril não correspondera, entretanto, ao que ele estava à espera. Embora encontrasse razões para pensar que era difícil que as coisas tivessem acontecido mais rapidamente, nesse momento Giacometti enumerava o que, segundo ele, teriam sido as **«incompetências, oportunismos, incompreensões e até boas vontades mal controladas»**. O que o conduzia a pensar que se poderia ter ido mais longe, nomeadamente na reedição e divulgação da **Antologia de Música Regional** e no prosseguimento de acções como o Plano de Trabalho e Cultura que ele criara e que, divididos em grupos de três ou quatro, mobilizara cerca de duzentos estudantes que - contava - haviam recolhido mais material do que nos 50 anos anteriores, especialmente nos aspectos da literatura popular e da recuperação de cerca de 1200 instrumentos de trabalho rural, **«o que permitiria pôr já a funcionar um Museu do Trabalho»**. Provavelmente sem supor, então, que somente vinte anos depois a **Antologia...** seria reeditada, que o «Museu do Trabalho» continuaria sem existir e que, quase uma década a seguir à sua morte, o seu riquíssimo espólio (envolvido em impenetráveis complicações legais) permaneceria por estudar e divulgar, Giacometti esboçava o que, na sua opinião, deveriam ser as linhas mestras de uma política de inventário da tradição musical popular: **«Constituir, talvez a nível de uma Secretaria de Estado, um grupo de trabalho que planificasse uma investigação à escala do país, de recolha da música e da literatura popular, aprofundando o trabalho já realizado e formando pessoas capazes de o levar a cabo e dar a máxima divulgação aos seus elementos mais significativos sem repetir os erros e dogmatismos que, naturalmente, cometemos depois de 50 anos de fascismo»**. Porque será que, em 1999, as suas palavras continuam estranhamente catuais? 🗉

fonte: Jornal Expresso

Extraído de http://www.gaitadefoles.net/imprensa/giacometti_memoria.htm

O Mistério Giacometti

Por José Alberto Sardinha

Jornal Expresso, 6 de Março de 1999

Som: José Mário Branco fala sobre os Arquivos Sonoros de Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça (excerto sonoro do documentário "Polifonias - Paci è Saluta, Michel Giacometti", RTP 1997).

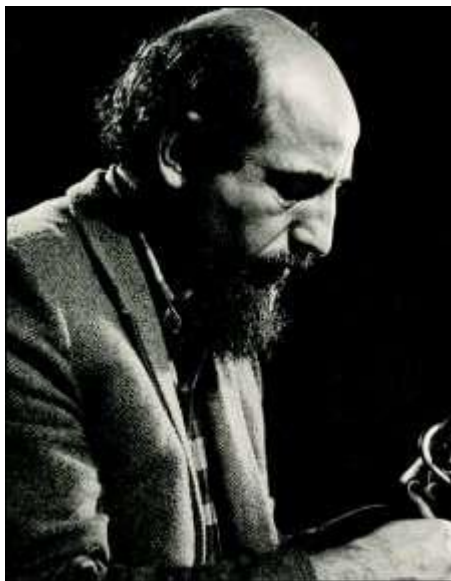
Mais de 30 anos depois da data original de publicação, foram finalmente reeditados em CD os célebres cinco volumes dos «Arquivos Sonoros» (os míticos cinco LP de capa de serapilheira), onde Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça reuniram o resultado das suas recolhas de música popular tradicional portuguesa. (...)

TALVEZ por as edições de recolhas musicais terem sido sempre de tiragens reduzidas e, por isso, se terem esgotado rapidamente, tem havido na etnomusicologia portuguesa a tendência para deixar cair no esquecimento as investigações que foram sendo feitas no passado. Daí a importância da actual reedição de discos da **Antologia da Música Regional Portuguesa**, da autoria de Michel Giacometti e Fernando Lopes-Graça, publicados na década de 60 e princípio da de 70 - já lá vão 30 anos! -, a qual irá permitir o acesso a gravações de grande valor há muito esgotadas, facilitando simultaneamente uma reavaliação histórica e etnomusical da obra destes investigadores.

Salientamos desde logo que a asserção inicial é válida também para Giacometti, ou seja, é essencial não deixarmos cair no olvido a obra de Michel Giacometti, mas é igualmente fundamental não esquecermos as pesquisas e as obras de todos os investigadores que o antecederam. Isto porque não podemos apreciar e analisar a sua investigação sem sopesarmos devidamente as pesquisas efectuadas pelos investigadores antecedentes, alguns dos quais são sistematicamente preteridos quando se fala de recolhas etnomusicais no nosso país. É evidente que o estudo comparativo dessas pesquisas pretéritas, os seus méritos e descobertas, só será possível em sede de uma história da investigação etnomusicológica em Portugal, que não é, obviamente, o objecto deste artigo.

É, mesmo assim, oportuno referir, ainda que resumidamente, os trabalhos que antecederam Michel Giacometti, já porque, pelo seu pioneirismo e importância, são merecedores de destaque, já porque nos ajudam a situar historicamente a obra do próprio Giacometti.

Sem falar nas gravações de Kurt Schindler, aliás de diminuta expressão quantitativa e geográfica (limitaram-se a Miranda do Douro, Vinhais, com alguns exemplares também de Montalegre e Boticas), haveremos de lembrar, de entre os pesquisadores que antecederam Giacometti, Armando Leça, autor do primeiro levantamento nacional de música tradicional, Virgílio Pereira (Cancioneiros de Arouca, Cinfães e Resende, contribuições importantes para o cancioneiro raiano, recolhas musicais na região da Covilhã e outras a cargo da Fundação Calouste Gulbenkian), Fernando Lopes-Graça (Beira Baixa e Alentejo), Artur Santos (Beira Baixa, Beira Alta e Açores) e Ernesto Veiga de Oliveira, autor do mais importante estudo organológico do nosso país, com gravações resultantes da pesquisa de campo. De entre todos importa destacar, por nunca ter conhecido publicação e, talvez por isso



Retrato do etnomusicólogo corso



Uma imagem trabalhada, em alto contraste, de Michel Giacometti em pleno trabalho de recolha, algures no interior do país

mesmo, ser o mais esquecido, o trabalho de Armando Leça. Foi este musicólogo encarregado em 1939, pela Comissão dos Centenários, de efectuar gravações da música que o povo português tocava e cantava na altura, gravações que se destinavam a publicação posterior.

Armando Leça veio a realizar registos sonoros em todas as províncias do território continental, os quais porém nunca foram conhecidos do grande público até 1983, altura em que, após buscas na antiga Emissora Nacional meritariamente efectuadas por Bernardino Pontes a nossas insistências, foi possível encontrá-los, transmiti-los e comentá-los através do programa «Cancioneiro Popular», de que éramos autor. Temos tentado, ao longo de todos estes anos, obter condições para uma edição pública desses registos, mas só agora, passado tanto tempo e esforço, parece estarmos finalmente em vias de ver esse objetivo concretizado.

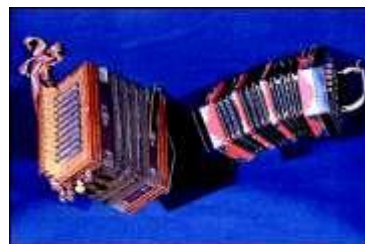
A importância das recolhas de A. Leça é crucial, já por abrangerem todo o território (de Portugal continental, repita-se), já por terem sido realizadas há 60 anos, já por constituírem o primeiro levantamento músico-popular no nosso país. São, pois, referência obrigatória para avaliação das investigações ulteriores, visto que é um dado adquirido que, embora não publicadas em som, elas eram do conhecimento dos pesquisadores que lhe sucederam.



«Lato» (Paradela/Mirandela do Douro)

Só conhecendo minimamente as obras dos investigadores pretéritos e nomeadamente os registos fonográficos que efectuam nos respectivos trabalhos de campo será possível avaliar as contribuições dos pesquisadores subsequentes e os avanços e desenvolvimentos da investigação etnomusicológica em Portugal.

Por essas razões, as recolhas de A. Leça são, por assim dizer, uma base de estudo essencial para quem se dedique à investigação no terreno e bem assim para quem queira analisar criticamente as obras dos investigadores que lhe sucederam no tempo. A análise destas obras, pois, exige sempre uma perspectivação histórica e comparativa em relação às investigações antecedentes. Assim enquadrado o problema, será fácil reconhecer se a gravação de um determinado



investigador em certa aldeia ou região é uma verdadeira descoberta da sua investigação, ou se é apenas a repetição de outras que outros investigadores fizeram em épocas transactas, caso em que o seu interesse se limitará a permitir-nos compará-las e assim avaliarmos a evolução da tradição musical durante aquele período de tempo.

Posto isto, passemos à obra de Giacometti agora reeditada, a qual conheceu a 1ª edição - recordemo-lo - na década de 60 e princípios de 70, em 5 discos vinil de longa duração, pela seguinte ordem: 1º Trás-os-Montes; 2º Algarve; 3º Minho; 4º Alentejo; 5º Beiras. A reedição de agora, em 5 CD, não se apresenta por esta ordem e não nos fornece as datas das primeiras edições, o que é pena.

Foi esta antologia o fruto das primeiras pesquisas que Giacometti realizou em Portugal. Pôde contar com a preciosa colaboração de Fernando Lopes Graça, patente na selecção dos trechos musicais e na análise musical dos mesmos. A reedição conservou as palavras explicativas de Giacometti e os importantes textos de Graça. Embora não comporte as fotografias da pesquisa, que muito a enriqueceriam, incluiu as letras dos cantos, sempre importantes para uma melhor compreensão e acompanhamento.

É muito de louvar esta reedição dos célebres «discos de serapilheira», que na altura alcandoraram Michel Giacometti a um lugar destacado na etnomusicologia portuguesa. Foi desde logo o impacto fortíssimo do primeiro disco da série, dedicado a Trás-os-Montes, que trouxe aos intelectuais citadinos tradições e sons longínquos de um campo que inteiramente desconheciam. Para além das ressonâncias arcaicas da gaita-de-foles, o que mais impressão parece ter causado foram os romances colhidos nas regiões de Bragança e Miranda, cuja ancestralidade remonta a uma sempre mítica idade medieval.



Seguiu-se-lhe o disco do Algarve, onde o romanceiro ocupa também lugar de relevo, com destaque especial para três belíssimos exemplares registados em Aljezur. O disco abre com um espantoso canto de alar as redes, gravado dos pescadores de Portimão, a quem Giacometti dedica a própria edição.

A província do Minho foi a terceira contemplada pela **Antologia da Música Regional Portuguesa**, mostrando-nos exemplares polifónicos de grande riqueza, provenientes sobretudo da zona setentrional e das serras do Gerês e do Soajo. O disco do Alentejo, o quarto, revelou, a par dos cantos corais - já nessa altura bastante conhecidos, como reconhece Lopes-Graça -, um extraordinário aboio (canto de incitamento ao gado), alguns valiosíssimos cantos religiosos e fragmentos do **Auto da Criação do Mundo**, dos Bonecreiros de Santo Aleixo, de grande interesse e maravilha.

O último disco, publicado já na década de 70, foi dedicado às Beiras e constituiu nova revelação, sobretudo por virtude da riquíssima polifonia da Cova da Beira e também da polifonia de Lafões, sem esquecer os cantos ao adufe, de sabor tão arcaico e as impressionantes cantiga da ceifa e da roda, esta característica das margens do Zêzere.

Com o distanciamento de 30 anos sobre as primeiras edições de Giacometti e com o conhecimento das pesquisas anteriores, nomeadamente de A. Leça, que, à época, a nossa geração (e mesmo as mais velhas, com algumas exceções meramente individuais) inteiramente desconhecia, há agora condições de fazer uma breve apreciação histórica às recolhas musicais que a Portugalsom em boa hora devolve a público.

Temos vindo a referir com insistência o nome de Armando Leça por duas ordens de razões: em primeiro lugar porque o seu levantamento pioneiro, por ser o único de âmbito nacional é também o único que poder servir de termo comparativo com o levantamento de Michel Giacometti; e em segundo lugar, porque o cotejo dos dois trabalhos revela pontos comuns absolutamente surpreendentes, que conduzem a considerar que foi Leça o investigador que primeiro captou algumas das preciosidades musicais que trinta anos depois Giacometti também registou, frequentemente coincidindo os próprios locais de colheita.



Sarroncas (Campo Maior/Elvas)

Citemos o caso das recolhas transmontanas, tanto da região de Miranda, como de Vinhais; algumas coincidências menos persistentes no disco do Alentejo; o caso da polifonia da Cova da Beira e da polifonia de Lafões, por vezes com recolhas nas mesmas aldeias, como Roças do Vouga ou Manhouce; e, por fim, o exemplo bem localizado de leva-leva, gravado aos pescadores de Portimão, com trinta anos de distância.

É curioso notar que Giacometti nunca cita o nome ou o trabalho pioneiro de A. Leça, nem sequer como base da sua pesquisa (o que faz, por exemplo, em relação a Virgílio Pereira e Gonçalo Sampaio no disco do Minho). E, no entanto, é um dado adquirido que ele possuía uma cópia das gravações de Leça e sempre teria delas conhecimento através do livro **Da Música Portuguesa** cujo apêndice, denominado **Discoteca da Música Popular Portuguesa**, é precisamente a discriminação, espécie por espécie, aldeia por aldeia, dessas gravações. Outra forma não se explicam as citadas coincidências, reveladoras do conhecimento prévio dos caminhos palmilhados por Leça.



Banjolim (Lisboa)

E se este aspecto, sobretudo a omissão de qualquer referência à pessoa e ao trabalho de Armando Leça, ensombra e relativiza a obra de Giacometti, não lhe retira o valor das pesquisas inéditas que ressaltam nos discos do Algarve, parte do Alentejo e sobretudo do Minho, embora aqui se tenha baseado em Virgílio Pereira, como ele próprio assinala, atribuindo-lhe mesmo o mérito de primeiro descobridor de algumas das «puras jóias» que publicou.

Além deste aspecto, que é, digamos, de ordem ética, importa fazer uma abordagem crítica geral da temática seleccionada nos discos de Michel Giacometti. Ao verificarmos que quase exclusivamente contêm cantos de trabalho e cânticos religiosos tradicionais, é inevitável a pergunta: onde está a música bailada, onde estão as modas coreográficas com que o povo bailava, onde estão os viras, as chulas, o malhão, o fandango, a xotiça, a moda de dois passos, as danças de roda, o fado batido, o verde-gaio, etc., etc., etc.?

Concomitantemente, constata-se a ausência dos principais instrumentos tradicionais portugueses. Tirante o adufe, não se ouve a guitarra e a viola portuguesas, o cavaquinho, o acordeão diatónico (seja a «concertina» seja o «harmónio»), este aparecendo representado, mas apenas num pequeno trecho musical), o que naturalmente empobrece a obra em análise no que respeita à sua representatividade. Quem é o minhoto que se reconhece numa mórbida melopeia de carpideira, ou num conjunto de cantos donde está ausente um vira, um malhão ou uma cana-verde, ou numa selecção musical sem violas, cavaquinhos ou concertinas?



Guitarra-lira (Lisboa)

O ludismo, o amor e o divertimento são uma componente essencial da via do povo que, obviamente se reflecte na sua música, aspecto que não está inexplicavelmente espelhado nesta amostragem da música regional portuguesa.



Estamos hoje sem saber se isto correspondeu a uma opção do próprio Giacometti no terreno, se resultou da selecção de Fernando Lopes-Graça. O que podemos adiantar é que Lopes-Graça quando, nos últimos anos da sua

vida, contactou com as nossas recolhas da Estremadura para prefaciar o livro que se espera saia em breve, ficou encantado com a quantidade de modas bailadas em registo e com a variedade dos instrumentos que as suportavam. Em qualquer caso, é inegável que se tratou de um critério de preferência por aquilo a que poderemos chamar de exotismo musical, que correspondeu a uma orientação deliberada de uma determinada época e que, como tal, deve ser estudada e respeitada.

É nesta perspectiva fundamental que se torna da maior importância a reedição da Portugalsom, a qual irá finalmente tornar acessível a muitos portugueses as míticas gravações de Giacometti (as tiragens da 1ª edição, aliás variáveis, não ultrapassaram as escassas centenas). Mas é também com a visão crítica que muito perfunctoriamente abordámos que as recolhas destes discos devem ser apreciadas e historicamente situadas, para que saibamos enquadrar a obra de Michel Giacometti em toda a história da investigação etnomusicológica em Portugal, a qual teve os seus primórdios no princípio do século. ☐



fonte: Jornal Expresso

Extraído de http://www.gaitadefoles.net/imprensa/giacometti_misterio.htm

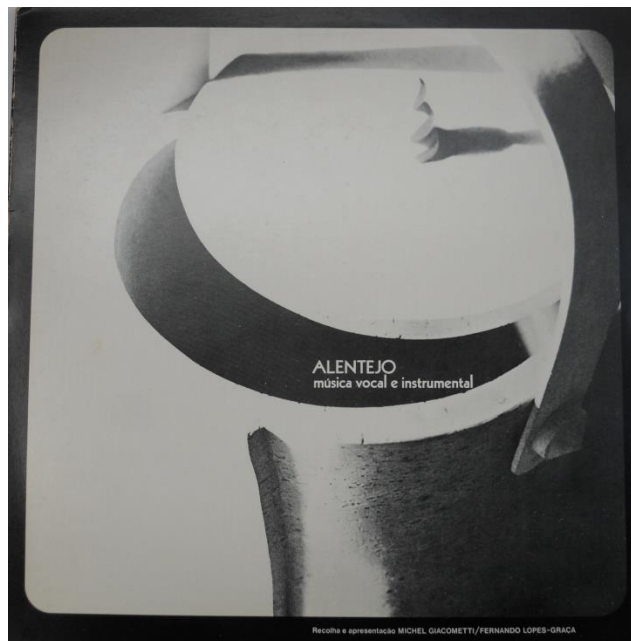
Alentejo Música Vocal e Instrumental

LP editado pela TORRALTA

Em Maio de 1974 a TORRALTA, com a colaboração dos Arquivos Sonoros Portugueses, editou um disco LP, do qual “tiraram-se cem exemplares numerados e assinados”. A venda deste disco era proibida.

Era o seguinte o texto de enquadramento deste disco:

Atendendo à urgente necessidade de recolha e mais amplo conhecimento das expressões autênticas da tradição musical do povo português, TORRALTA empenha-se num vasto plano de salvaguarda dessa mesma tradição e oferece-vos o presente disco, fruto de um longo e paciente trabalho de investigação, devido a conhecidos especialistas.



Recolha e apresentação MICHEL GIACOMETTI/FERNANDO LOPES-GRACA

<p>1 - Modo do varão Canto de trabalho referente ao varão de esteira e recolhido em Sobral de Alentejo (Baixo Alentejo). É um formoso e antigo exemplo de música popular, tal como há e se encontra também nos cantos corais alentejanos, geralmente entoados quando se vão trabalhar numa vinha, e, por isso, propõe o canto (nesta caso, uma espécie de marcha) bastante forte e de carácter (isto é, cantado por outra voz solista, o que, no caso, é o cantor, e não o coro), e que, por isso, se caracteriza por uma certa liberdade de improvisação.</p>	<p>6 - Vai remando, vai remando Outro canto coral, no estilo muito conhecido dos cantos de marcha lenta. Entoado provavelmente por um grupo de pescadores de Montebai (Baixo Alentejo) e está bastante recolhido.</p>
<p>2 - Ehi, ehi, Dama Canto religioso, recolhido em Salfra (Baixo Alentejo), durante a Procissão do Encontro de Santa Helena. O canto, precedido do tradicional ruído que marca a introdução à música da Bandeira (um conjunto de tambores e marchas Fátima de Ciganos), é uma cantoria lamentosa da Mãe Maria, que, a duas vozes, dizem o texto litúrgico.</p>	<p>7 - Canto da Santa Cruz Canto religioso monódico. Entoado por vozes femininas, é uma espécie de cantoria de tipo litúrgico e de um carácter de certa maneira "sacral". Foi recolhido ao vivo durante a Festa da Cruz, que se celebra normalmente no primeiro domingo de Maio, em Alentejo de Vendas, Santiago Maior (Baixo Alentejo). O autor da melodia, se fosse que se entenda, os dispostos musicos das espingardas foram à cantoria religiosa uma música de via e bem marcional afinidade.</p>
<p>3 - Música de baile Tocada em guitarra por Manuel Javaca, da Companhia dos Brancos de Santo Alentejo, e recolhida em Estremoz (Alto Alentejo). Manuel Javaca é um velho e conhecido tocador popular da região, em tempos muito procurado para animar Bailes e outras diversões que se dão no instrumento. A sua arte, um tanto pitoresca e informal, dá-se de certo modo na tradição das antigas guitarras pernandinas, com as suas greças de cantos tradicionais ou popularizados.</p>	<p>8 - Companhia alentejana Canto coral, ainda no estilo de marcha lenta. Melodia de linha sobra e está. Profundamente um tanto elaborada. Foi recolhido na Vigésima (Baixo Alentejo).</p>
<p>4 - Descante aos noivos Canto monódico recolhido em Alentejo (Baixo Alentejo). No característico estilo coral alentejano, é entoadado por um pequeno grupo de toques, que impõem uma ideia de comédia e vinho.</p>	<p>9 - Modo da lavoura Canto monódico de trabalho, uma expressão e luminosa melodia entoadada por uma voz masculina (como habitualmente nesta género de cantos rurais), entoadado com toques de alago e incentivo ao animal que puxa a charreta. Foi recolhido em Vila Verde de Ficalho (Baixo Alentejo).</p>
<p>5 - Canto de S. João Sopra monódica de ritmo bastante cantado por uma voz feminina que se acompanha com um sinfónico gótico corrente em outras regiões do País, o sinfónico sendo assim precedido à maneira de instrumento de percussão. Foi recolhido em Alentejo (Baixo Alentejo).</p>	<p>10 - Vou-me embora p'ra Lisboa Outro formoso canto coral português, bem caracteristicamente alentejano, na sua expressão melódica de gravidade e de sentido nostálgico. Foi recolhido em Perdigão (Baixo Alentejo).</p>

PÁG. 2

1 - Queix farar n'os três coelhinhos
Canto de Reis recolhido em Bastoalva (Ato Alentejo). É formado por duas partes. A primeira, constituída pelo tradicional primeiro refrão de que o canto toma o título, é entoadá de maneira de arfonia masculina, ao final do qual o cantor se desprendeu uma voz tenaz clamando em falsete e produzindo um estranho efeito musical. A segunda parte, propriamente o usual canto de pastoreio, em estilo mais lígido e de certa "cor" andaluza, achase cantada a uma voz solista.

6 - Alouada
Trecho instrumental para gitarra e tambor, tocado pelo mesmo executor, o tamborilero. De uma ardora jocosidade, foi recolhido em Vila de Vila (Baixo Alentejo), onde se dança pelas ruas na manhã dos dias de festa.

2 - Ao romper da bela sonora
Canto a três partes, entoadá por duas vozes femininas e recolhido em Orlaya de Mourão (Ato Alentejo). A melodia, de uma frouca burlesca, mostra um ritmo de dança nautica compassada.

7 - O lavrador da arada
Refrão religioso, muito divulgado por todo o País sob várias designações e cantado com grande frequência. De origem, a qual não se sabe se recolhida em Mourão da Vila, Santiago do Rio de Mourão (Ato Alentejo) ou não, apresenta um tanto infantil, das mais simples em regra de parte melódica, mais sobre, da generalidade das rosas "velhas romancesas".

3 - N'os campos trabalhadores
Canto coral de tipo revolucionário, cantado em qualquer parte de vivência explosiva, antes de uma grave contensão, intermediação de harmonia com a peculiar idiosincrasia musical da gente alentejana. Foi recolhido em Ferreira (Baixo Alentejo).

8 - Música de despeque
Trecho executado no conhecido movimento de torção desfilada alentejana conhecido por esta campênia, foi recolhido em Estremoz, Coimbra (Baixo Alentejo), e é uma das músicas sobre as quais os cantadores da região costumam improvisar os seus próprios despeques, podendo embora ser apreciada autonomamente, como peça instrumental "pura", comprovativa do "virtuosismo" do executor.

4 - S'elas
Canção dançada, no género da seguidilla espanhola, recolhida em Campo Maior (Ato Alentejo). É cantada por uma voz feminina, acompanhada pelo vivo ritmo da pandeira.

9 - Canto do Natal
Retoma-se este disco com outra formosíssima polifonia coral alentejana, um canto ao nascimento do Menino Deus, bela expressão de ternura mística, exultante de vivacidade na linha melódica do ponto e do alto, e a que não falta o querido "suppò mezzano". Foi recolhido em Vila Alta (Baixo Alentejo).

5 - Moda do galo
Canto coral recolhido em Amadôvar (Baixo Alentejo). De uma expressão lígida e solene, é cantado no estilo corrente dos cantos polifônicos masculinos, a que aqui, contudo, se junta uma voz feminina soberba e melosa do canto firme, o que não deixa de conferir ao trecho um colorido especial, ao mesmo tempo que o aproxima da antiga forma de laborado a três partes.

DESIGN: FOTOGRAFIAS: LODOVICO: GRAVAÇÃO: IMPRESSÃO:

PUBLICIDADE: MICHEL GADOMETTI e ARTUR HENRIQUES (CAPA): JORGE DAS ESTUDIOS VALENTIM DE CARVALHO: TRAMA - ARTES GRAFICAS

MAIO DE 1974

O Alentejo é reconhecidamente uma das províncias portuguesas da maior riqueza em matéria de música folclórica e tradicional, e o povo alentejano acima o mais entranhadamente musical da nossa gente. Da graciosidade das canções dançadas à profundidade das canções religiosas; da ancestralidade dos cantos de lavoura à fragrância dos "descantes"; da jocosidade dos despeques à magistralidade dos cantos corais masculinos - toda uma panorâmica de expressões e formas sonoras neste disco representadas nos dão da música do Alentejo uma viva, eloquente e impressiva imagem.

Atendendo à urgente necessidade da recolha e mais amplo conhecimento das expressões autênticas da tradição musical do povo português, TORRALTA empenha-se num vasto plano de salvaguarda dessa mesma tradição e oferece-vos o presente disco, fruto de um longo e paciente trabalho de investigação, devido a conhecidos especialistas.

TAS - 001
ARQUIVOS SONOROS PORTUGUESES / TORRALTA
DESTE DISCO TRAHAM-SE CEM EXEMPLARES NUMERADOS E ASSINADOS
VENDA PROIBIDA

Galeria de fotos



<http://www.mun-setubal.pt/pt/pagina/michel-giacometti-1929-1990/127>



<http://mnetnologia.wordpress.com/biblioteca-e-mediateca/arquivo-sonoro-de-michel-giacometti-no-mne/>



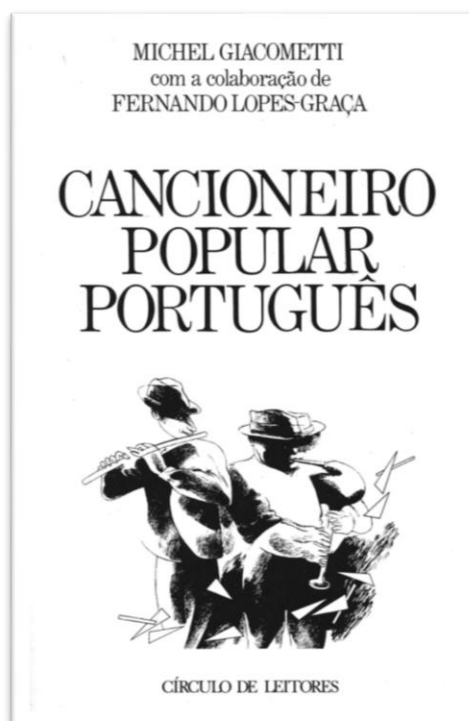
http://www.cafeportugal.net/pages/dossier_artigo.aspx?id=2164



http://www.gaitadefoles.net/imprensa/giacometti_memoria.htm



“Antologia da Música Regional Portuguesa” – capas



“Cancioneiro Popular Português”, Círculo de Leitores - capa



“Michel Giacometti – Filmografia Completa”, Tradisom/Público



Vol.11 - O Ladrão do Sado

Textos de Paulo Lima, Michel Giacometti

Gravações de 1984, textos de 1990

Filmografia Michel Giacometti

Ladrão do Sado – Inquérito Musical em Alcácer do Sal

Textos de Paulo Lima e Michel Giacometti

Portfolio fotográfico de Augusto Brázio

“Michel Giacometti – Filmografia Completa”, Tradisom/Público – capa do Volume 11